

MULHERES, EDUCAÇÃO E CULTURA: UM ENFOQUE FEMINISTA***WOMEN, EDUCATION AND CULTURE: A FEMINIST APPROACH***

Manuela de Souza Leite*

Resumo: O presente artigo apresenta um panorama sobre a necessidade de um diálogo mais abrangente nas discussões sobre o que é feminismo, como praticá-lo e para quem. O texto propõe não uma unificação de discursos, mas justamente o respeito por sua pluralidade, baseando-se na ideia de que experiências individuais contribuem para o debate coletivo, e exatamente por esse motivo o conhecimento e a fala de todas devem ser consideradas relevantes. A metodologia utilizada foi a análise de discursos de grupos militantes feministas onde frequentemente prega-se mais a segregação e desqualificação dos pensamentos divergentes que a compreensão e valorização da diversidade das experiências.

Palavras-chave: Mulheres. Feminismo. Educação. Cultura.

Abstract: This article presents an overview of the need for a more comprehensive dialogue in the discussions about what feminism is, how to practice it and for whom. The text proposes not a unification of speeches, but rather the respect for its plurality, based on the idea that individual experiences contribute to the collective debate, and for this reason the knowledge and the speech of all must be considered relevant. The methodology used was the analysis of discourses of feminist militant groups where the segregation and disqualification of the divergent thoughts are often preached more than the understanding and valorization of the diversity of the experiences.

Keywords: Women. Feminism. Education. Culture.

* Graduada em fotografia na UNESA, participou de exposições individuais e coletivas no Mercado Cultural da Praça XV no Rio de Janeiro, no Espaço Cultural Maurice Valansi e na Casa de Cultura Estácio de Sá no Rio de Janeiro e realizou exposições individuais como Esconde Esconde, na Estação Cabo Branco, em João Pessoa, Dekasséguis durante a Fliporto 2011, Indefesos em 2016 no Rio de Janeiro e Prisão Domiciliar no CCJF 2018. Desde 2009 atua também na área de produção cultural, já tendo prestado consultoria, formatado e aprovado diversos projetos em leis de incentivo à cultura. Atualmente continua seu trabalho como professora, fotógrafa e produtora cultural no Rio de Janeiro e em São Paulo.

1 INTRODUÇÃO

Um dos maiores problemas dos movimentos que visam a mudança de estrutura e pensamento da sociedade são suas subdivisões. A falta de um discurso alinhado muitas vezes traz uma impressão de pouca coerência e acaba por não deixar claro os objetivos de suas reivindicações.

Entretanto, dentro do feminismo esse não alinhamento de opiniões é justamente a lógica estrutural do movimento. Isso porque se o que buscamos, enquanto mulheres, é o direito à igualdade e a individualidade, é fato que não podemos todas seguir uma mesma diretriz.

O presente artigo propõe uma maior tolerância a multiplicidade de discursos. Respeitando acima de tudo as experiências pessoais de cada mulher independente de seu alinhamento com teorias concretas ou não.

Assim, num primeiro momento defendo essa valorização das experiências individuais e a importância da fala em primeira pessoa numa nova construção de saberes, onde cada sujeito fala por si contribuindo para a prática do respeito a diversas singularidades. Num segundo momento, aponto a necessidade de não polarização de tais manifestações. E por fim, apresento conceitualmente meu trabalho fotográfico, *Prisão Domiciliar*, onde exponho minha própria rotina doméstica numa tentativa de contribuir para uma mudança na estrutura patriarcal de que os cuidados com o ambiente privado são de responsabilidade exclusiva das mulheres.

2 O CORPO FEMININO

“Somente os homens fazem filosofia; as mulheres servem mais para escrever, quando muito, sobre os fatos de nossa própria condição.”
(BORDO, 2000, p. 12).

A condição da mulher na produção do saber está diretamente ligada à premissa da fala pessoal e do espaço privado. Na polarizada relação inteligência *versus* fragilidade, o *Corpo* (escrito com letra maiúscula) abordado por Michel Foucault é abstrato, neutro e universal, já o *corpo* (escrito com letra minúscula)

pontuado por Andrea Dworkin, é visto apenas como um corpo de mulher, um corpo encarnado (do outro). Dworkin era uma mulher, falando do corpo feminino em primeira pessoa, e para a filosofia essa narrativa é considerada relato pessoal, como uma espécie de diário onde se relatam questões de caráter íntimo, por isso a pensadora não recebeu a atenção merecida.

Todos vão ouvir Foucault que fala numa voz universal, filosófica, supostamente neutra. Flávia Biroli, em “Aborto e Democracia”, defende, influenciada pelo pensamento de Carol Gilligan (1990, p. 70), que pode haver, sim, uma diferença essencial no discurso entre homens e mulheres. Essa diferença estaria ligada à situação de construção da identidade em que desde o nascimento as mulheres são moldadas para se encaixar numa vida restrita ao ambiente privado. Assim, a chamada “essência do feminino” seria, na verdade, um resultado das marcas de gênero na composição do que é ser mulher. Susan Bordo, em “A feminista como o outro” (2000), pontua que, quando a filosofia é feita por mulheres, não importa quantas e quais questões sejam abordadas, será sempre colocada na condição de reforço da alteridade feminina.

Partindo do conceito proposto por Carol Hanisch (1969) em que ela coloca que o “pessoal é político”, levantamos novamente a discussão sobre como relatos pessoais, quando as experiências são similares, trazem a quebra da oposição entre público e privado sugerindo nova abordagem sobre as questões domésticas. Hanish sugere que ouvir, discutir e propor mudanças estruturais nesse cenário é um ato político. Sob influência de diversas artistas, a minha fala em primeira pessoa é uma opção política dentro do conceito de que a experiência individual é válida para a discussão coletiva, e essa escolha não é sensitiva, mas sim metodológica.

Então vamos começar!

3 PERPLEXA

Perplexa. Esse foi o estado em que fiquei enquanto pesquisava algumas referências para este texto e tive a ideia de começá-lo definindo o que seria a palavra “MULHER”. Segundo o Dicionário Aurélio, a palavra “Mulher” possui três significados: “1) Pessoa adulta do sexo feminino; 2) Cônjuge ou pessoa do sexo

feminino com quem se mantém relação sentimental e/ou sexual; e 3) Mulher pública: meretriz”. Exatamente, Mulher pública: MERETRIZ!

Provavelmente, você está dividindo comigo o sentimento de perplexidade neste momento. E é exatamente sobre este ponto que desejo falar. Faz algum tempo em que venho me perguntando para quem é necessário falar sobre feminismo. O que tenho pensado é que vivo numa grande bolha de conforto e acolhimento onde, no geral, compartilho das mesmas ideias e ideais de meus pares. Natural conviver mais de perto com quem está na mesma linha de raciocínio que a gente, porém acredito que para uma verdadeira mudança é necessário dialogar com as pessoas que pensam diferente, que não tem os mesmo referenciais e conhecimentos.

Uma das questões mais urgentes é justamente entender que a bolha de um mundo de direitos iguais entre homens e mulheres é um nicho. Esse ideal não está para a maioria. A maioria das minhas amigas são mulheres de classe média, com ao menos uma graduação completa, e mesmo assim vejo se manifestar a todo o tempo o desejo de seguir o “curso natural” do amor romântico: o casamento, a maternidade e cuidar da família e do lar. O que mais me espanta nisso tudo é que mesmo vendo o exemplo de outras mulheres que traçaram esse caminho de “sonhos e fantasias” e estão infelizes, as demais parecem desejar cair no mesmo precipício. E isso mais tem a ver com construção social e menos com desejo individual. Ser mulher é uma construção feita por um mundo criado por homens. O que queremos, nossos desejos, nossas funções, tudo foi moldado por uma sociedade onde homens detêm o poder. E só há uma maneira de sair desse mundo em que não se toma decisões de verdade: conhecimento.

O homem da caverna de Platão era feliz ali, protegido dos perigos, dentro daquilo tudo que ele já conhecia. É nossa obrigação como “libertas” das convenções sociais (ou ao menos de algumas delas) parar de fantasiar e romantizar o aprisionamento do sexo feminino. A solução é muito simples: fale a verdade. Não reproduza discursos vendendo falsas felicidades. Fale a verdade! De como nos sentimos sozinhas e abandonadas por todos quando engravidamos. De como nos sentimos sozinhas e presas quando nossos filhos nascem. Que ficar noites sem dormir cuidando da cria leva qualquer uma à loucura. A maternidade é uma tarefa

pesada e cuidar de alguém totalmente incapaz é um dos piores (senão o pior) trabalho do mundo. Pare de sentir medo de não ser uma “boa mãe”. Pare de querer ser uma “boa mãe”. Pare de tentar caber nessas caixinhas apertadas que deram para você. Vamos parar de reproduzir discursos de uma cultura que nos aprisiona.

Precisamos parar de associar mulheres à maternidade, cultura a museus e educação a escolas. Pense bem se você realmente deseja ser mãe, se cuidar de alguém com amor incondicional, sem descanso e para sempre é o que você deseja da sua vida. Observe atentamente como vivem suas amigas que são mães e não fantasie que com você vai ser tudo diferente porque você estudou mais sobre maternidade, vai colocar seu filho num colégio Montessori e vai tratá-lo com tanto carinho que ele vai te obedecer, te amar e ser aquilo que você espera dele.

Pense bem se ao invés de um desejo pessoal, individual você não está apenas fazendo aquilo que sua cultura espera de você. Que todo o terror sobre o relógio biológico está te atormentando e você tem medo de, se não for mãe agora, vai se arrepender no futuro quando seu corpo parar de produzir óvulos.

A responsabilidade de construção de uma sociedade mais justa e igualitária está nas mãos de todas nós. Não agrega valor à causa continuarmos dividindo nossos feminismos, achando que sua verdade é melhor que as demais e perseguindo e desmoralizando outras mulheres e até homens simpatizantes da causa. Não é dividindo que vamos construir, é somando. Então não vamos olhar com desprezo para as outras mulheres que ainda não “evoluíram” como nós, que ainda não têm os discursos certos na ponta da língua. Vaidade não contribui. Seja realmente é feminista, não apenas individualista de carona com as “manas”, com mais intenção de comandar do que compartilhar.

Certamente, a maioria das nossas mães e avós eram feministas, não apenas as que andavam com o livro da Beauvoir debaixo do braço, mas as que se divorciaram, foram para a universidade, para o mercado de trabalho. Essa luta começou há muito tempo, não somos nós, aqui e agora, que nascemos “iluminadas”, que estamos transformando tudo. Não separe seu feminismo em gerações e geografias, quando nós aqui nascemos, essa roda já estava girando. Não despreze sua mãe porque ela é uma dona de casa e ainda lava as cuecas do seu pai, lembre-se todos os dias que ela lutou muito para que você fosse para a faculdade e não

tivesse a mesma vida que ela. Ela não é uma mulher fraca, ela é uma heroína, lutou por você, empoderou você. Vamos respeitar o que foi feito para tornar este mundo menos pior para as mulheres, e ao mesmo tempo vamos saber ouvir quem está chegando agora. Pessoas jovens não são intelectualmente incapacitadas, isso se comprova quando observamos inúmeras crianças que, quando necessário, são capazes de cuidar de si mesmas e até de crianças menores.

Os jovens não devem ser ignorados por não ter experiência, pelo contrário, se o que buscamos é uma igualdade de direitos, não devemos desqualificar o discurso e as demandas das crianças e dos adolescentes numa estrutura social construída na base da dominação pela força física. O patriarcado exerce seu poder físico sobre todas e todos nós. Shulamith Firestone escreveu em 1976 em “A Dialética do Sexo”:

A mãe que quer matar o filho, por causa do que teve que sacrificar por ele (um desejo comum) só aprende a amar essa criança, quando compreende que é tão desprotegida e oprimida quanto ela, e pelo mesmo opressor. Então esse ódio se dirige para fora, e nasce o “amor maternal”. (FIRESTONE, 1976, p. 123).

Então a educação não deve vir de discursos verticais sobre certo e errado, tampouco devemos nos supor certos pelo simples fato de sermos mais velhos. A educação, no fim das contas, vem da observação do ambiente e absorção dos valores praticados no entorno. E isso vale para crianças e adultos. Todos nós temos de nos reeducar a cada dia, reaprender a nos portar, reaprender a pensar. A educação não é exclusividade da fase infantil. Se pensássemos mais sobre isso seríamos menos cabeça dura e teríamos menos a “síndrome de Gabriela”, que nasceu assim e vai ser sempre assim. Aprender a todo instante faz parte de ser um ser racional e somos racionais durante toda a vida, não podemos deixar todo o aprendizado apenas para a fase infantil.

Não adianta se declarar feminista, mostrar os peitos e reproduzir discursos se quando tudo que almejamos são as posições poder. Não reproduza a cultura que te desfavorece, eduque-se e eduque, empodere-se e empodere. Enquanto estivermos preocupadas em atacar nossas companheiras de luta, o dicionário vai

continuar definindo todas nós “mulheres públicas” apenas como meretrizes. E, acreditem, é o que temos para hoje.

4 SOBRE PRISÃO DOMICILIAR

No início de 2017, após alguns anos desgostosa com a fotografia e a arte em geral, resolvi voltar a produzir e concorrer a um prêmio num edital. A ideia já estava formada na minha cabeça, cabia a mim apenas escrever o argumento e realizar as fotografias. Mas os dias foram passando e nada de o trabalho sair, quando finalmente numa tarde me dei conta que eu não conseguia produzir porque sempre que pensava em iniciar a execução do trabalho minha cabeça era ocupada com a necessidade de primeiramente cumprir com minhas obrigações domésticas.

Muita coisa mudou no mundo desde os anos 1960 quando iniciou um movimento feminista mais explícito e engajado. Nós mulheres já frequentamos universidades, estamos, mesmo que de forma ainda desigual, no mercado de trabalho, o casamento e a maternidade não são mais nossas únicas opções na vida e podemos desfrutar de inúmeros direitos novos que desde o tempo das nossas avós têm sido conquistados. Porém, a cultura não pode ser mudada do dia para a noite, nem em algumas poucas décadas.

Sessenta anos após o início da revolução feminista, a questão cultural do que é trabalho feminino ainda está em transformação. E isso significa, entre outras coisas, que, mesmo nós mulheres que já nascemos num mundo mais propício à liberdade, ainda temos amarras culturais muito difíceis de ultrapassar. Esse tal “serviço de mulher” parece atingir a todas nós, como pontua Simone de Beauvoir (2009):

Lavar, passar, varrer descobrir os flocos de poeira escondidos sob a noite dos armários é recusar a vida, embora detendo a morte: pois num só movimento o tempo cria e destrói; a dona de casa só lhe apreende o aspecto negativo. Sua atitude é maniqueísta. A característica do maniqueísmo não é somente reconhecer dois princípios, um bom e outro mal: é afirmar que o bem se alcança pela abolição do mal e não através do movimento positivo; [...] Toda doutrina da transcendência e da liberdade subordina a derrota do mal ao progresso para o bem. Mas a mulher não é chamada a edificar

um mundo melhor; a casa, o quarto, a roupa suja, o assoalho são coisas imutáveis: a única coisa que ela pode fazer é expulsar indefinidamente os princípios maus que nelas se introduzem: ela ataca a poeira, as manchas, a lama, a imundice; combate o pecado, luta contra Satã. Mas é um triste destino ter que rechaçar continuamente um inimigo, ao invés de se voltar para metas positivas; com frequência a dona de casa suporta-o com ódio.

Mesmo “livres” para sair do ambiente privado, os cuidados com ele ainda competem a nós. E mesmo que estejamos aproveitando os deleites da vida pública, a carga mental de responsabilidades com a casa e a família ainda nos mantém presas a vassouras e panelas. Aliados a esse excesso de demandas de trabalho, estão a falta de visibilidade e a baixa gratificação do trabalho doméstico que tem sido motivo para o aumento de transtornos mentais em mulheres na sociedade atual:

Um relógio que desperta todos os dias para um ritmo interminável em que a cadeia de dependência tem que ser exercida à exaustão. A poeira renovada. Os copos sujos. Os pratos sujos. As roupas sujas. As roupas limpas para passar. As providências materiais que cada um da família exige. A sequência permanece. Moto Contínuo. (LOPES, 2016, p. 240)

Desde o início da Revolução Industrial e a inserção das mulheres no mercado formal de trabalho, surgem relatos de acúmulo de funções por parte das mulheres, que conquistam o direito ao trabalho remunerado, mas continuam como únicas responsáveis pelos cuidados com o lar. Em “A Mulher no Trabalho”, de Evelyne Sullerot (1970, p. 130), encontra-se a problemática entre mulheres na segunda década do Século XX:

Em Saint-Nazaire, no fabrico de cartuchos, a metade delas trabalha das seis horas da noite às seis horas da manhã, com uma hora de repouso, a meia noite, isto é, doze horas de serviço e onze horas de trabalho. Durante o dia, têm que cuidar dos filhos, fazer os trabalhos domésticos, comprar os víveres.

Dentro do mundo da arte, Linda Nochlin levantou a questão sobre o conceito de gênio artístico no seu texto “Por que não existem grandes mulheres artistas”, de

1971, em que coloca na mesa de diálogo as condições favoráveis para produção artística dos grandes mestres da pintura.

Coloco agora em questão 47 anos depois de Noclin: em algum momento as mulheres terão verdadeiramente condições de se dedicarem à produção da arte da mesma forma que os grandes gênios artísticos? Poderemos pintar um quadro genial enquanto pensamos na louça que está na pia esperando ser lavada? Poderemos ser vanguarda num movimento enquanto a roupa precisa ser recolhida e passada? Poderemos finalizar o argumento sobre nosso trabalho enquanto precisamos fazer o almoço e alimentar nossa família? O mundo do mercado de trabalho nos fora aberto, falta, entretanto, nos desvincular mentalmente da beleza do papel de “boas donas de casa”, título que foi “dado de presente” e que carregamos pela vida como escravas conformadas e agradecidas.

Vivemos num contexto em que a mulher ainda é tida como responsável pela organização e pelo funcionamento do espaço doméstico. Com belos elogios e estímulos forjados, nossa cultura ainda nos mantém com a barriga quente à beira de um fogão. Ana Maria Maiolino em sua instalação “Arroz e Feijão” em 1979, “[...] transformou o espaço de exposição em uma área de acolhimento e de um tipo de intimidade que se faz à mesa, por meio do gesto extremamente generoso, feminino e maternal de dar de comer, de alimentar o outro.” (BARROS, 2016). Ainda que este trabalho esteja inserido num conceito modernista de antropofagia, não há como desvinculá-lo de uma leitura política se o analisarmos do ponto de vista de um relato da própria autora que se sentiu incomodada ao ser silenciada e colocada no papel de “mulher”, alimentadora e servil durante uma reunião de artistas em sua própria casa. Uma década antes, Wanda Pimentel, ainda no início de sua carreira, realizou o trabalho “Envolvimentos”, em que mescla fragmentos do corpo de uma mulher a objetos tipicamente domésticos e relacionados ao universo feminino. Mesmo com a temática da angústia dessa amálgama corpo *versus* lar, críticos e curadores insistem em reduzir seu trabalho à questão estética da abstração geométrica. Porém, no contexto em que foi produzido, este trabalho deveria ser considerado vanguarda de questões políticas do movimento de arte feminista brasileiro.

Levar o espaço privado doméstico para o ambiente público de uma galeria de arte soa como um grito de revolta de muitas mulheres artistas. Uma das pioneiras

em publicações feministas afirma que advoga pelo seu sexo, não por si mesma (WOLLSTONECRAFT, 2016). Dentro desta linha de pensamento coletivo, a exposição *Woman House*, de 1972, liderada por Judy Chicago e Mirian Schapiro, trouxe questões que abordavam as experiências de gênero das mulheres. Com caráter essencialmente colaborativo, a exposição apresentou, dentro do espaço de uma casa experiências pessoais das artistas que foram transformadas em obras de arte, trazendo para discussão a situação que vive a maioria das mulheres, antes isoladas em suas casas, mas agora compartilhando, reconhecendo buscando transformar esse ambiente.

Anterior ao *Central-Core-Imagery* de Judy Chicago e outras artistas da costa oeste americana, destacamos o trabalho de Louise Bourgeois, “*Femme Maison*”, de 1947, em que ela apresenta figuras de mulheres que trazem uma casa no lugar da cabeça. A série encaminha o espectador ao desconforto feminino com a carga de trabalho doméstico, Bourgeois sugere acontecer uma fusão entre a mente feminina e o lar, como uma espécie de aprisionamento mental que mantém presas a essa carga inclusive mulheres “livres”.

É importante também citar trabalhos como *Laundry Works*, de 1977, em que mulheres artistas realizaram performances que duravam o tempo de uma lavagem de roupa para enfatizar o tempo que se perde realizando esse tipo de tarefa. Apesar do projeto ter recebido um valor baixíssimo para execução, ainda foi criticado pelo governo por ser “dinheiro jogado fora”, demonstrando mais uma vez o quanto o trabalho doméstico é tido pela sociedade como algo irrelevante. Em retaliação à declaração de Ronald Reagan, essas artistas foram para edifícios federais e fizeram limpeza desses espaços como forma de chamar a atenção para as atividades que as mulheres realizam diariamente no lar e que não recebem nem remuneração nem reconhecimento por isso. Nesse contexto, outra artista que foi bastante clara sobre seu descontentamento com a carga de trabalhos domésticos imposta às mulheres foi Mierle Laderman Ukeles. Em seu trabalho *Maintenance Art Works* – realizado entre 1969 e 1980 –, Mierle deslocava os afazeres do ambiente privado para espaços públicos, questionando os limites entre a execução de tarefas cotidianas e o fazer artístico.

No Brasil, temos nessa linha os videoartes de Letícia Parente, como “Tarefa 1”. Essas artistas já levantavam essas questões no fim dos anos 1960, e ainda hoje a situação de sobrecarga de trabalho feminino, público e privado, não mudou muita coisa. Ainda se faz necessário o debate sobre o tema visto que a mentalidade de que o ambiente doméstico é responsabilidade da mulher ainda é vista como algo natural.

No trabalho “Prisão Domiciliar”, proponho um antiensaio de uma fotógrafa dona de casa ou uma dona de casa fotógrafa, dividida entre o caos doméstico que aprisiona e impede a produção artística e intelectual e a busca pela libertação da prisão mental que é nossa própria casa. A poética de “Prisão Domiciliar” é uma realidade expressa em autorretratos de uma mulher prisioneira de uma cultura que sufoca, limita e impede o desenvolvimento de qualquer processo criativo. Apresento uma sequência de imagens repetitivas, maçante e clichê, assim como todo trabalho doméstico, onde pretendo tornar público um trabalho invisível, esquecido e silenciado pela sociedade.

5 CONCLUSÃO

As experiências pessoais são relevantes a partir do argumento de que o discurso é individual e cada pessoa carrega, em sua fala, sua vivência e sua ideologia. Sendo assim, numa construção de igualdade de gêneros, também deve ser pontuada a importância da diversidade de pensamentos, caso contrário, corremos o risco de sempre estarmos reforçando a alteridade feminina.

A educação não deve vir de discursos verticais sobre certo e errado, a responsabilidade de construção de uma sociedade mais justa e igualitária é de todas e todos. Não agrega valor à causa continuarmos dividindo nossos feminismos e desqualificando o conhecimento individual de outras mulheres. Portanto, compartilhar saberes envolve um modelo de comunicação bastante civilizado: ouvir e ser ouvido com empatia e respeito.

REFERÊNCIAS

BARROS, Roberta. **Elogio ao Toque**: ou como falar de arte feminista à brasileira. Rio de Janeiro: Relacionarte, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIROLI, Flávia. **Aborto e Democracia**. São Paulo: Alameda, 2016.

BORDO, Susan. A Feminista como o outro. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, 1. sem. 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9853/9086>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

DWORKIN, Andrea. **Woman Hating**. EUA: Plume, 1976.

FIRESTONE, Shulamith. **A Dialética do Sexo**: um estudo da Revolução Feminista. Tradução de Vera Regina Rabelo Terra. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

GILLIGAN, Carol. **Uma voz diferente**: Psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

HANISCH, Carol. **O Pessoal é Político**. Art. Nova York, 1969.

LOPES, Mônica Sette. **O Feminino e o Trabalho Doméstico: Paradoxos da Complexidade**. In: BORGES, Maria de Lourdes; TIBURI Márcia (Org.). **Filosofia: machismos e feminismos**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016. p. 231-252.

SULLEROT, Evelyne. **A Mulher no Trabalho**: História e Sociologia. Tradução de Antônio Teles. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1970.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos Direitos da Mulher**. Tradução de Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016.